
A CRÍTICA DE SARTRE AO EGO TRANSCENDENTAL EM HUSSERL

SARTRE'S CRITIC OF HUSSERL'S TRANSCENDENTAL EGO

Tássia Vianna de Carvalho¹

Resumo:

O Ego Transcendental é tradicionalmente compreendido como responsável por realizar a unificação da multiplicidade de aparições para um sujeito que às apreende. Sartre veria que, com o surgimento da *fenomenologia*, Husserl nos mostra que a consciência intencional não teria mais necessidade de recorrer a este polo unificador. Contudo, o próprio Husserl iria, posteriormente, realizar uma *virada transcendental*, fazendo recurso a este Eu – até então rejeitado por ele. Sartre, porém, perceberia que a fenomenologia husserliana tornaria este recurso ao Eu dispensável, mostrando-nos que o próprio Husserl já haveria nos fornecido a resposta para a questão a respeito de como se realizaria a unificação na multiplicidade de aparições. Pretendemos mostrar que o recurso a um eu como polo unificador não seria apenas desnecessário, mas representaria um obstáculo para a compreensão do verdadeiro sentido da intencionalidade tal como a fenomenologia o conceberia – haja vista que a unificação da multiplicidade de aparições se realizaria internamente, pela temporalidade, e externamente, pelo polo objetual.

Palavras-chave: Sartre; Husserl; Fenomenologia; Intencionalidade; Eu Transcendental.

Abstract:

The Transcendental Ego is traditionally understood as responsible for unifying the multiplicity of apparitions seized by the subject. Sartre realizes that Husserl's phenomenology helps us understand that intentional consciousness would not require the unifying pole. However, Husserl himself would make a *transcendental turn*, requiring this Ego – which himself has reject so far. Sartre would notice that husserlian's phenomenology would make this Ego dispensable, showing us that the answer for the question about how consciousness would unify himself through the multiplicity of apparitions was already given in Husserl's phenomenology. We intent to show in this paper that the resource to an I as an unifying pole would not be just unnecessary, but would also be an obstacle to understand the real meaning of intentionality as phenomenology would conceive - keeping in mind that the multiplicity of appearances would be unificated both internally, by the temporality, and externally, by the object pole.

Keywords: Sartre; Husserl; Phenomenology; Intentionality, Transcendental.



¹ Mestranda em Filosofia pela UFRJ, bolsista de aperfeiçoamento de nível superior pela CAPES, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0039-9421>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9044896914613118>

Introdução

Desde *A Transcendência do Ego* (1936), Sartre deixa clara a preocupação que ele nunca abandonará ao longo de toda sua vida e obra: tornar a consciência liberta de qualquer instância de interioridade que a tornaria opaca, pesada, e esvaziá-la de qualquer conteúdo forjado pelo velho ideal representacional, para que fosse possível compreendê-la como um puro ato. Na fenomenologia de Husserl, Sartre encontra a ferramenta necessária para a confecção de sua filosofia própria, que erige seu solo sobre uma liberdade fundamental que não é nada menos que a estrutura da própria consciência. A consciência intencional, tal como Sartre a compreende, seria um puro ato extrospectivo que não permitiria a nenhuma instância de interioridade se formar.

Entretanto, Sartre não é apenas um comentador de Husserl. Ao mesmo tempo em que a fenomenologia husserliana se mostra fundamental para a superação da *filosofia alimentar*, que conceberia o mundo como um conjunto de representações que habitaria o interior da consciência, Sartre se mostra extremamente crítico de Husserl, apontando que ele teria sido inconsequente com a sua própria descoberta. Após a publicação de *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*² (1913), Husserl faria recurso a um Eu Transcendental, que estaria presente em todos os momentos de consciência. Sartre, por sua vez, acreditaria que esta compreensão seria inconsequente com a própria noção de intencionalidade. E que, justamente, a fenomenologia husserliana não teria necessidade de fazer recurso a tal Eu.

A Intencionalidade

Sartre vê, no conceito de intencionalidade, uma possibilidade de superação dos equívocos que nos levam a conceber – erroneamente – as características do objeto apreendido pela consciência como imanentes à própria consciência. Isto se dá na compreensão da consciência como um puro ato extrospectivo em direção a algo que ela não é, e que se encontra, por natureza, exterior a ela. Deste modo, a consciência não mais se confunde com o objeto por ela apreendido – importando para si características concernentes ao objeto por ela apreendido, que nos levaram a compreendê-la espaço-temporalmente, com um teor de imanência que não lhe é característico. A isto, Sartre chamaria de “ilusão da imanência” (SARTRE, 1940, p.17), a ilusão que nos faria crer que os objetos e as imagens por nós apreendidos existem como coisa *na* consciência, e não como objetos *para* a consciência. E a concepção de intencionalidade, recebida da fenomenologia husserliana, seria o instrumentão necessário à superação de tais equívocos.

Para Sartre, “a consciência é consciência de alguma coisa: significa que a transcendência é estrutura constitutiva da consciência, quer dizer, a consciência nasce tendo por objeto um ser que ela não é” (SARTRE, 2015, p. 34), e este objeto intencionado pela consciência encontra-se radicalmente exterior a ela e, portanto, não se confunde com ela. “Essa necessidade da consciência de existir como consciência de outra coisa que não ela mesma, Husserl a chama intencionalidade” (SARTRE, 2005, p. 57). Esta noção nos permite, ao mesmo tempo, afirmar a soberania da consciência e constatar a presença do mundo tal como nos aparece, de

² Daqui em diante, nos referiremos a esta obra como *Ideias I*.

modo que a consciência e seu objeto se encontram em teor de indissociabilidade (na medida em que a consciência só existe em relação com aquilo que é por ela apreendido) mas sem que ambos os domínios se confundam, pois ambos possuiriam modos de ser radicalmente distintos.

Portanto, a noção de intencionalidade permitiria a Sartre conceber que os objetos intencionados não estão de modo algum *na* consciência, é a consciência que se dirige aos objetos, em ato, como um constante *explodir para fora*. (SARTRE, 2005, p. 56) Em direção às coisas elas mesmas. Para isso, Sartre precisaria remover da consciência todo e qualquer conteúdo que pudesse conferir à consciência algum grau de substancialidade, conservando a sua translucidez. Assim, Sartre realizaria seu projeto de purificação do campo transcendental, o que permitiria a Sartre identificar a consciência com a pura liberdade que moveria o ato intencional extrospectivo a transcender-se ao mundo para buscar, nele, seu conteúdo.

O Ego Extrospectivo

Em seu primeiro ensaio publicado após o seu encontro com a fenomenologia husserliana, *A Transcendência do Ego*, Sartre se dedica a demonstrar que a consciência é um campo transcendental completamente impessoal, isto significa que Eu não se dá na consciência irrefletida – modalidade primária da consciência - mas é um produto da consciência reflexiva: operação de segundo grau da consciência, na qual ocorre a reflexão, o movimento da consciência de voltar-se sobre ela mesma. Ou seja: o Eu seria uma produção sintética da consciência – constituído *à posteriori* - cuja função seria não tanto teoria quanto prática (SARTRE, [1936] 2003, p. 66-69). Sua função seria a de mascarar à consciência sua própria espontaneidade, conferindo-a certa determinação que não lhe é característica. Tal temática ressurgirá pormenorizadamente na publicação de *O Ser e o Nada*, retornando na sessão a respeito da *má-fé*.

Nesta obra, é nítida a crítica de Sartre à chamada “virada transcendental husserliana”, quando, em sua obra *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (1913) Husserl afirma a necessidade de um Eu transcendental que acompanha todos os nossos momentos de consciência³. Em sua obra de 1913, Husserl (2006, p. 123) nos diz que:

O eu parece estar ali de maneira constante e até necessária, e essa constância não é, manifestamente, a de um vivido que persiste estupidamente, a constância de uma “ideia fixa”. Ele faz parte, ao contrário, de cada vivido que chega e se escoia, seu olhar se dirige ao objeto “através” de cada *cogito* atual. O raio de luz desse olhar muda a cada *cogito*, iluminando-se de novo a cada novo *cogito* e desaparecendo junto com ele. O eu, porém, é um idêntico.

Husserl tenta nos mostrar que, após realizar a redução fenomenológica, o eu psicológico se encontraria fora de circuito, mas ainda restaria um eu transcendental que acompanharia a todas as nossas vivências. Sobre este eu, Husserl nos mostra que “todo cogito, todo ato num sentido eminente é caracterizado como ato do eu, ele ‘provém do eu’, ‘vive atualmente’ nele” (HUSSERL, 2016, p. 182).

Após realizar a epoché fenomenológica, o eu psíquico (ou o “eu humano”,

³ A “virada transcendental” husserliana é localizada no período concernente à publicação de suas “Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica” no ano de 1913. Neste momento, Sartre rompe com a fenomenologia husserliana.

como aparece em *Ideias I*) é colocado fora de circuito, assim como a tese natural de mundo, mas restaria também o Eu transcendental, que subsiste como o polo ao qual todos os vividos se referem. Como o próprio Husserl nos diz, no parágrafo 80 do *Ideias I*,

Se, no entanto, efetuo a εποχη fenomenológica, também o “eu, ser humano” é excluído do circuito, assim como todo o mundo da tese natural, restando então o puro vivido de ato com sua essência própria. Mas, vejo também que a apreensão dele como vivido humano, abstraindo-se de toda tese de existência, introduz no circuito tudo aquilo que não precisa necessariamente estar nele, e que, por outro lado, nenhuma exclusão de circuito pode suprimir a forma “*cogito*” e eliminar o “puro” sujeito do ato: o estar direcionado para, “o estar ocupado com”, o “posicionar-se em relação a”, o “experimental”, o “sofrer de” esconde necessariamente em sua essência que cada um deles é justamente um raio “a partir do eu” ou, na direção inversa, “em direção ao eu” – e esse é o eu *puro*, ao qual a redução não pode causar dano algum (HUSSERL, 2016, p. 182-3).

Sartre, por sua vez, afirma que, justamente, a fenomenologia não necessita de recorrer a tal polo unitário e constituidor, ao qual todos os vividos remeteriam, tendo em vista que o próprio conceito de intencionalidade já contém em si a resposta para a questão a respeito da unificação das consciências. Ao dirigir-se para o polo objetivo, o próprio objeto visado já possuiria uma unificação própria. A unidade das diversas modalidades de consciência dirigida a uma árvore possuiria a sua unificação na própria árvore, para onde a minha consciência se dirige. E, mesmo que se coloque em questão que a árvore possa ou não ser a mesma, ressaltamos que o fluxo das vivências possui uma unidade temporal, pela qual as minhas retenções passadas e protensões futuras se autounificariam de tal forma que o vivido de árvore se mostraria como o resultado dessa unificação. Com isto, fica claro a própria noção de intencionalidade já possuiria um potencial unificador pela temporalidade, que faria desnecessário o recurso a um Eu Transcendental que constituiria o objeto visado em seu campo de imanência. Para melhor demonstrar, recorreremos aos parágrafos 35 a 38 das *Lições para uma consciência interna do tempo*, para fins de mostrar que o próprio Husserl já havia notado que a consciência intencional se realizaria como um fluxo que realizaria, por si próprio, a unidade das múltiplas aparições de um mesmo objeto. Ora, Husserl (2017, p. 126) afirma que o

ato, ou “vivência intencional” é sempre, portanto, um fluxo em que se constitui uma unidade temporal imanente (o juízo, o desejo, etc.), que tem a sua duração imanente e que, eventualmente, se realiza mais ou menos depressa. Essas unidades, que se constituem na corrente absoluta, estão no tempo imanente, que é um, e nele se encontra uma duração simultânea e de igual comprimento.

Ou seja, a vivência intencional ocorre como um fluxo, e neste fluxo ocorreria a unidade dos vividos, que se unificariam pela temporalidade. O que Sartre voltaria a afirmar em *A Transcendência do Ego*⁴.

Ora, é certo que a fenomenologia não tem a necessidade de recorrer a esse Eu unificador e individualizante. Com efeito, a consciência define-se pela intencionalidade. Pela intencionalidade, ela transcende a si mesma, ela unifica-se escapando-se (SARTRE, [1936] 2015, p. 47).

⁴ Como Sartre afirma: “O objeto é transcendente às consciências: que o apreendem e é nele que se encontra sua unidade” (SARTRE, [1936] 2015, p. 47)

Para Sartre, não se deve recorrer à presença de um eu para realizar a síntese das consciências, pois, pela compreensão da consciência como intencionalidade, a unidade das consciências ocorreria 1) no polo do próprio objeto e 2) na unidade das sínteses temporais que, através das retenções passadas e protensões futuras, realizaria a unificação da multiplicidade de aparições do objeto. Nas palavras de Sartre:

Dir-se-á que, no entanto, é preciso um princípio de unidade *na duração* para que o fluxo contínuo das consciências seja suscetível de definir objetos transcendentais fora dele. É preciso que as consciências sejam sínteses perpétuas de consciências passadas e da consciência presente. Está certo. Mas é típico que Husserl, que analisou em *A consciência interna do tempo* essa unificação subjetiva das consciências, *jamais recorreu* a um poder sintético do Eu. É a consciência que se unifica a si mesma e concretamente por um jogo de intencionalidades “transversais” que são retenções concretas e reais de consciências passadas. Assim, a consciência remete perpetuamente a si mesma (SARTRE, [1936] 2015, p. 21-2).

“Portanto, podemos responder sem hesitar: a concepção fenomenológica da consciência torna o papel unificante e individualizante do Eu totalmente inútil” (SARTRE, [1936] 2015, p. 22). Para Sartre, esse eu transcendental não tem razão de ser, pois conferiria à consciência uma “opacidade” que ela mesma não possui. Da perspectiva de Sartre, Husserl teria cedido ao neo-kantismo ao admitir a inerência do ego à consciência. Do ponto de vista sartriano, portanto, Husserl teria sido levado ao erro de reeditar o sujeito transcendental e reinstaurar a “opacidade egológica” na consciência.

O tipo de existência da consciência, tal como Sartre a concebe, é de um existente muito particular que toma consciência de si ao ser consciência de um objeto exterior a ela. Ou seja, “o tipo de existência da consciência é de ser consciente de si. E ela toma consciência de si enquanto é consciente de um objeto transcendente” (SARTRE, [1936], 2015, p. 23). A consciência puramente intencional (modalidade primária da consciência, que é meramente consciência de um objeto transcendente a ela) é não posicional a si mesma; ela é apenas consciência de algo que ela não é e que não se confunde com ela.

A consciência não é para si mesma seu objeto. Seu objeto está fora dela por natureza, e é por isso que, em um mesmo ato, ela o põe e o apreende. [...] Perguntamos: Existe aí lugar para um Eu em uma consciência assim? A resposta é clara: evidentemente que não (SARTRE, [1936], 2015, p. 23).

Contudo, parece-nos que Husserl já havia se dado conta de que não haveria espaço para um Eu imanente a uma consciência intencional em sua obra de 1901, as *Investigações Lógicas*, quando ele mesmo afirma que

devo agora confessar que não consigo encontrar, pura e simplesmente, esse eu primitivo, enquanto centro de referência necessário. A única coisa que estou em condições de notar, e por conseguinte, de perceber, é o eu empírico e a sua relação empírica com aquelas suas próprias vivências ou com aqueles objetos externos que se tornam, num instante dado, objetos de especial “consideração atenta”, se bem que tanto “fora” como “dentro”, muita coisa sobeje a que falta esta relação com o eu (HUSSERL, [1901] 2015, p. 310).

Sartre se encontra, no entanto, muito próximo ao posicionamento de Husserl nas *Investigações Lógicas*, onde – sobretudo na quinta investigação – Husserl nos mostra que “toda e qualquer representação que poderíamos construir para nós do eu torná-lo-ia um objeto” (HUSSERL, [1901] 2015, p. 309) quando afirma em 1936 que “o Ego não é mais proprietário da consciência, mas seu objeto” (SARTRE, [1936] 2015, p. 63).

A obra mencionada foi publicada por Husserl em 1901, no que é conhecida como a edição A das suas *Investigações Lógicas*, e posteriormente editada pelo autor após a publicação de *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, em 1913. No primeiro momento, Husserl encontra-se ainda muito influenciado pelo método brentiano de uma psicologia descritiva. Após a publicação das *Ideias I*, Husserl lança mão do recurso metodológico que possibilitaria a abertura do campo transcendental – a epoché fenomenológica – suspendendo a atitude natural da experiência com o mundo. Ao realizar o processo de redução fenomenológica, suspendendo os juízos a respeito da tese natural de mundo, encontra-se a consciência originária doadora de sentido. Com isto, Husserl realiza a “virada transcendental” em direção a um certo idealismo transcendental. Tal que Husserl acrescenta posteriormente na edição B das *Investigações Lógicas*, após sua revisão “Entretanto, aprendi a encontrá-lo, ou aprendi, na captação pura do dado, a não me deixar transtornar por temores diante dos abastardamentos da metafísica do eu” (HUSSERL, [1901] 2015, p. 311).

Portanto, é precisamente o Husserl das *Investigações Lógicas* que Sartre utiliza contra o Husserl das *Ideias I*. Sartre compartilha da perspectiva husserliana apontada na primeira edição *Investigações Lógicas*, quando Husserl afirma que “O eu é percebido tal como qualquer coisa externa” (HUSSERL, [1901] 2015, p. 312), mas deve ser compreendido como um objeto transcendente que se encontra fora, no mundo, portanto, deve ser passível de ser apreendido por outrem (SARTRE, [1936] 2015, p. 69).

Contudo, no adendo à 2ª edição das *Investigações Lógicas*, Husserl acrescenta: “Seja expressamente sublinhado que a minha tomada de posição, aqui realizada (e que já não aprovo, como já o disse), a respeito da questão do eu puro permanece irrelevante para as investigações desse volume” (HUSSERL, [1901] 2015, p. 312). Entretanto, concordamos com o fenomenólogo alemão a respeito da irrelevância do Eu transcendental pra as investigações fenomenológicas. Aliás, como o próprio Sartre nos mostra, o Eu transcendental não é apenas irrelevante, mas é também prejudicial, pois conferiria à consciência certo teor de opacidade que ela mesma não possui, e que retiraria o caráter que faria dela um absoluto, por força da inexistência. A existência da consciência é um absoluto, porque a consciência é consciente de si mesma - o tipo de existência da consciência é de um ser consciente de si – daí o caráter de *translucidez da consciência*. A consciência é consciente de ponta a ponta, e não tem um momento de consciência que comporte um inconsciente.

Contudo, o maior prejuízo que esta concepção de um eu transcendental que pertença à estrutura da consciência, é que ela nos apresentaria um obstáculo para a compreensão da noção de intencionalidade, como bem notou Pedro Alves (1995, p. 17), afirmando que:

a intencionalidade significa que a consciência é um movimento centrífugo de projeção para o exterior – “ela apreende-se escapando-se” e é precisamente

porque ela é esse movimento de extravasamento constante que a consciência irrefletida de si se apresenta sob a forma de uma consciência de ser consciência desse objeto.

Afirmamos com Pedro Alves que a intencionalidade é compreendida por Sartre como um movimento centrífugo e extrospectivo, na medida em que ela constantemente transcende a si mesma em busca do conteúdo por ela apreendido. Não somente, todo ato de consciência é um ato plenamente consciente, na medida em que esta é compreendida como pura translucidez; não há nada na consciência que seja oculto para si mesmo, não há um momento de consciência que comporte um inconsciente – o que seria não apenas absurdo, mas também uma contradição evidente. Entretanto, esta propriedade da consciência – de ser sempre consciente de si, ao ser consciente de um objeto distinto dela mesma – necessita ser melhor explicada para evitar certos equívocos.

Consciência (de) si

Toda consciência é consciência de alguma coisa, o que significa que não há consciência que não seja posicionamento de um objeto distinto dela, e com o qual ela não se confunde. Ser posicional, nos termos de Sartre, significa que a consciência se transcende para alcançar seu objeto. Contudo, é necessário que esta consciência, para que seja uma consciência cognoscente de seu objeto, seja consciência de si como sendo este objeto. Conceber uma consciência inconsciente não seria só absurdo, como seria uma contradição em termos. Como o próprio Sartre afirmaria, posteriormente, em *O Ser e o Nada*:

É uma condição necessária: se minha consciência não fosse consciência de ser consciência, seria consciência desta mesa sem ser consciente de sê-lo, ou, se preferirmos, uma consciência ignorante de si, uma consciência inconsciente - o que um absurdo (SARTRE, [1943] 2015, p. 23).

Sartre nós mostra que, se por um lado é uma condição necessária para que a consciência seja consciente de si que ela seja uma consciência cognoscente, é também uma condição suficiente: “basta que eu tenha consciência de ter consciência desta mesa para que efetivamente tenha consciência dela” (SARTRE, [1943] 2015, p. 23). É certo que a consciência não faz com que haja ser. A minha consciência não é capaz de fazer com que haja uma mesa *em si*, mas sim com que ela exista *para mim*.

O que seria, portanto, esta consciência de ser consciente? De certo que ela não se confundiria com a reflexão, pois isto implicaria uma remissão ao infinito – esta consciência, por sua vez, requereria outra consciência que a posicionasse, e assim sucessivamente. Portanto, “se quisermos evitar regressão ao infinito, tem de ser relação imediata e não cognitiva de si a si” (SARTRE, [1943] 2015, p. 24). A consciência de si não seria, portanto, outra modalidade de consciência distinta da consciência posicional de algo. É condição necessária e suficiente para que a consciência possa ser reveladora daquilo que é por ela posicionado. Ser consciente de si é o modo de ser da consciência.

A consciência toma consciência de si enquanto é consciente de um objeto transcendente a ela. Este modo de ser da consciência, de ser sempre consciente de si enquanto consciência de algo que não ela mesma, é nomeado por Sartre em sua obra célebre de 1943 como “consciência (de) si”. O uso do termo “de” entre

parênteses é adotado por Sartre precisamente para que não caiamos na tentação de considerar o “si” como um objeto transcendente à consciência. Como Pedro Alves nos mostra, é necessária a presença de uma consciência de si na consciência do objeto transcendente; um saber de si que se dá conjuntamente com o saber do objeto transcendente.

O seu saber de si é ainda um “saber” que se dá juntamente com o saber do objecto que lhe faz face e que é indissociável dele. [...] [A] consciência se sabe atematicamente *pela* e *na* consciência do objecto sem que ela própria se torne, por sua vez, tematicamente objecto para si própria (ALVES, 1994, p.11, grifo do autor).

A consciência pré-reflexiva (ou irrefletida) é não posicional de si, enquanto posicional de um objeto radicalmente distinto dela e com o qual não se confunde. No plano irrefletido não existe um Eu, a consciência é pura translucidez. É pura consciência deste objeto radicalmente distinto dela, como um ato extrospectivo em direção àquilo que ela não é. Afirmamos, com Sartre, que

Toda consciência é posicional na medida em que se transcende para alcançar um objeto, e ela esse esgota nesta posição mesma: tudo quanto há de intenção na minha consciência atual está dirigido para o exterior, para a mesa; todas as minhas atividades judicativas ou práticas, toda a minha afetividade do momento, transcendem-se, visam a mesa e nela se absorvem (SARTRE, [1943] 2015, p. 22).

Contudo, a consciência (de) si não deve ser entendida como uma qualidade da consciência pré-reflexiva, nem como uma outra consciência distinta dela, ou como uma motivação exterior que a afeta, “mas o único modo de existência possível para uma consciência de alguma coisa” (SARTRE, 1943, 2015, p. 25). De forma que, toda consciência pré-reflexiva é consciência não posicional (de) si, enquanto consciência de algo que não ela mesma. Portanto, “é necessário que [a consciência] esteja presente a si, não como coisa, mas como intenção operatória que só pode existir enquanto “reveladora-revelada” (SARTRE, [1943] 2015, p. 25).

Entretanto, ainda nos resta responder a uma questão fundamental: como se daria a presença deste Eu, para a consciência? Se o Eu não é um polo unificador dos múltiplos vividos, então o que ele seria? A tese que Sartre nos apresenta defende que o Eu não seria “proprietário” da consciência, mas sim seu produto. Um tipo muito específico de objeto, que seria constituído pela própria consciência.

O Primado do Irrefletido

No ato da reflexão a consciência se volta sobre si mesma, em um ato que a posiciona e constitui este “eu” como um objeto transcendente. A consciência irrefletida torna-se refletida ao ser posicionada pela consciência irrefletida, esta se torna reflexiva ao posicionar a consciência refletida. Concebendo-a como um “objeto”. Neste “momento”, surge um Eu na consciência refletida. De acordo com Sartre ([1943] 2015, p. 24):

a consciência reflexiva (*réflexive*) posiciona como seu objeto a consciência refletida: no ato da reflexão (*réflexion*), emito juízos sobre a consciência refletida, envergonho-me ou me orgulho dela, aceito-a ou recuso, etc. A consciência imediata de perceber não me permite julgar, querer, envergonhar-me. Ela não

conhece minha percepção, não a posiciona: tudo o que há de intenção na minha consciência atual acha-se voltado para fora, para o mundo.

O Eu se torna, com isto, objeto para a consciência reflexiva; o que consistiria numa modalidade de 2º grau da consciência⁵. A consciência pré-reflexiva – ou cogito pré-reflexivo – aparece como sendo o movimento primário da consciência, que antecederia a reflexão. Em sua obra de 1936, Sartre apresenta sua tese de que o cogito cartesiano (o “Eu Penso” de Descartes), descrito como uma modalidade de segundo grau da consciência, é uma consciência inegavelmente pessoal. Contudo, o Cogito representaria, justamente por esta razão, uma modalidade secundária da consciência, que requereria um ato reflexivo. Não haveria um Eu no plano irrefletido, mas, por outro lado, é necessário que haja um cogito pré-reflexivo, anterior ao cogito cartesiano, que o torna possível. Em outras palavras: o cogito pré-reflexivo é condição de possibilidade para a existência do cogito cartesiano. Vejamos, nos termos de Sartre ([1943] 2015, p. 25):

Todos os autores que descreveram o Cogito consideraram-no uma operação reflexiva, quer dizer, uma operação de segundo grau. Esse Cogito é operado por uma consciência dirigida sobre a consciência, que toma a consciência como objeto (a tal ponto que a consciência reflexiva não poderia existir sem a consciência refletida).

Com isso, é afirmada uma indissociabilidade de fato entre as duas consciências – a consciência irrefletida, posicional de algo, e consciência reflexiva, posicional da consciência reflexiva – de forma que não haveria uma consciência reflexiva, se não houvesse uma consciência irrefletida, a experiência vivida. Há um primado do plano irrefletido em relação ao plano reflexivo. No plano irrefletido, a consciência é posicional de algo distinto dela, mas não posicional de si, mas nem por isso ela deixa de ser consciente de si. Faz parte de sua estrutura ser sempre consciente de si. “Enquanto minha consciência reflexiva é consciência de si mesma, ela é consciência *não posicional*. E se torna posicional apenas quando visa a consciência refletida que, ela própria, não era consciência posicional de si até ser refletida” (SARTRE, [1943] 2015, p. 25).

Ou seja: é necessário que outra modalidade consciência se volte, posicionando esta consciência refletida (que nada mais é do que a consciência irrefletida, convertida em objeto para a reflexão), posicionando-a, para que ela torne consciência posicional de um Eu. De forma que “a consciência que diz ‘Eu penso’ não é a mesma consciência que pensa” (SARTRE, [1943] 2015, p. 26). A consciência que afirma “eu olhei o mar” não é a mesma consciência que posiciona o mar como seu objeto. Pois, enquanto olhava o mar, não havia um “eu”; havia uma plena consciência posicional de mar. Ao refletir sobre a recordação⁶, percebo que eu estava na praia, em frente ao mar, posicionando-o por minha consciência irrefletida; na reflexão,

⁵ Na edição brasileira de *A Transcendência do Ego*, a tradutora Sylvie Le Bom, a tradutora apresenta uma exposição da consciência, na nota 29, onde recorre à distinção entre três graus de consciência. Reproduziremo-la: 1º) um *primeiro grau*, no nível da consciência irrefletida, não posicional de si, porque é consciência de si enquanto consciência de um objeto transcendente. 2º) um *segundo grau*, agora com o Cogito, em que a consciência reflexiva é não posicional de si mesma, mas posicional da consciência refletida. 3º) um *terceiro grau*, que é um ato tético ao segundo grau, pelo qual a consciência reflexiva torna-se posicional de si.

⁶ A distinção entre recordação pura e recordação impura seria apresentada pelo próprio Husserl, no parágrafo 12 das *Lições para uma Consciência Interna do Tempo*.

posiciono a consciência irrefletida (meramente posicional de mar) tomando-a como objeto para a minha consciência reflexiva. “Assim, não há primazia da reflexão sobre a consciência refletida, esta não é revelada por aquela. Ao contrário, a consciência não reflexiva torna possível a reflexão: existe um cogito pré-reflexivo que é condição do cogito cartesiano (SARTRE, [1943] 2015, p. 23).

Portanto, a modalidade primordial da consciência seria irrefletida, que seria modificada ao ser tornada objeto da reflexão. A reflexão, portanto, se fundaria sobre o plano refletido, realizando uma modificação nesta consciência primordial ao compreendê-la objetivamente. O plano irrefletido, por sua vez, seria radicalmente anônimo e não-Egológico, mas ainda sim, plenamente consciente de si; pois a consciência é consciente de ponta a ponta, e não comportaria nenhuma instância de inconsciência em sua estrutura - o que seria não apenas absurdo, mas uma contradição em termos (SARTRE, [1943] 2015, p. 23-4).

Tese do Ego

O Ego, tal como Sartre o concebe e pormenorizadamente em sua obra de 1936, não é unidade das consciências e nem polo unificador das representações, é um objeto transcendente à consciência, que se dá pelo ato da reflexão no plano da consciência refletida; é a unidade dos estados e das ações e, facultativamente, das qualidades (SARTRE, [1943] 2015, p. 39). Na condição de objeto para a consciência, objeto no mundo, o ego pode ser apreendido tanto por mim quanto pelo outro. Neste sentido, a consequência da tese sartriana da afirmação do ego como objeto transcendente é a de expulsá-lo do domínio da consciência em sua modalidade originária. Portanto, a tese de Sartre implica a dissociação entre as dimensões da consciência e do psíquico: o psíquico é objeto transcendente da consciência reflexiva e objeto da psicologia.

Por conseguinte, Sartre concebe o campo transcendental como um nada, vazio, pois todos os objetos estão fora dele. Esse nada, por outro lado, será afirmado por Sartre como sendo a própria estrutura da consciência⁷, uma vez que a consciência, como campo transcendental vazio, é consciência de todos os objetos. Não há nada que possa ser objeto (em relação de exterioridade com a consciência) e pertencer à intimidade da consciência (como uma instância de interioridade *na* consciência), nem mesmo o eu. A purificação do campo transcendental faz com que não possamos mais opor o objetivo e o subjetivo, de forma clássica. Agora

o campo transcendental, purificado de toda estrutura egológica, recobra sua limpidez primeira. Em um sentido é um *nada*, uma vez que todos os objetos físicos, psicofísicos e psíquicos se encontram fora dele. Mas esse nada é *tudo*, pois é consciência de todos os objetos (SARTRE, [1936] 2015, p. 61).

Assim sendo, é a consciência que produz a si mesma sobre o plano reflexivo puro; e o faz de maneira a escapar continuamente ao ego, dominando-o,

⁷ Tal tema será melhor desdobrado em sua *ópera magna* de 1943, *O Ser e o Nada*, onde o nada será identificado com a própria estrutura da consciência. A consciência é descrita como “negação de ser” de forma que ela se dirige ao mundo para buscar, nele, o seu ser – o ser do “em-si”, que se oporia ao “ser-do-para-si” (SARTRE, [1943] 2015, p. 64-67). O par “em-si” e “para-si” não deve ser compreendido como dois opostos que nunca se encontram, muito pelo contrário, eles só podem existir em relação. São ontologicamente distintos, não se confundem, mas não podem existir separadamente. De forma que o ser-do-para-si engloba o ser do em-si (SARTRE, [1943] 2015, p. 34, 43).

sustentando-o fora dela por meio de uma criação contínua de si mesmo. Por meio desta concepção particular do ego como objeto transcendente à consciência, Sartre parece nos fornecer uma possível superação do solipsismo⁸: Se o eu torna-se transcendente à consciência, ele se localiza no mundo, como um objeto, capaz de cair sob a *epoché* fenomenológica husserliana; o solipsismo se torna impensável a partir do momento em que o eu não tem mais uma posição privilegiada (ele não é absoluto, ele não cria o mundo). Meu eu não é mais certo para a consciência do que o eu do outro, ele é apenas mais íntimo.

Portanto, podemos responder sem hesitar: a concepção fenomenológica da consciência torna o papel unificante do Eu totalmente inútil. É a consciência, ao contrário, que torna possível a unidade e a personalidade de meu Eu. O Eu transcendental, portanto, não tem razão de ser (SARTRE [1936] 2015, p. 61).

Com isto, Sartre nos mostra que uma concepção fenomenológica da consciência (que se autounifica temporalmente) tornaria o recurso a um ego polo totalmente inútil; e não só inútil, como também prejudicial, por ameaçaria fazer ruírem a todos os progressos que a fenomenologia haveria realizado ao instaurar a noção de intencionalidade, que nos remeteria a uma relação direta e imediata com os objetos transcendentais. Deste modo, o único Eu possível de ser apreendido pela consciência seria o Eu psíquico e psicofísico, produto de uma modificação reflexiva operada sobre a vivência primordialmente irrefletida. O Eu passa então a ser compreendido como produto da consciência, não como produtor de interioridade e este Eu forjado deve ser desconsiderado do campo de estudos de uma fenomenologia rigorosa, pois não se apresenta com um teor de evidência adequada, mas sim como produto da reflexão. Assim, ao apresentar a sua concepção de um Ego transcendente, Sartre realizaria seu projeto de purificação do campo transcendental (SARTRE, [1936] 2015 / MOUTINHO, 1995), tornando-o agora purificado de qualquer instância egológica ou qualquer teor de objeto imanente a ele. Agora, o campo transcendental, liberto de qualquer instância de interioridade, pode ser compreendido como o “puro nada” que a move a consciência a transcender-se ao mundo, em vistas de apreender seu objeto.

Considerações Finais

A preocupação de Sartre com o que chamamos de processo de purificação do campo transcendental é movida por uma necessidade de radicalização da dimensão pré-reflexiva da consciência, levando a seu extremo a proposta fenomenológica do retorno às coisas mesmas herdada da fenomenologia husserliana. Em seu movimento de radicação da fenomenologia, Sartre busca reinserir a consciência em relação direta e imediata com aquilo de que ela não pode ser concebida separadamente, a facticidade. Isto lhe permitiria investigar a realidade naquilo que lhe é mais próprio, a partir de seu modo de ser no mundo, indissociável de sua situação. Para que isto seja possível, é necessário ter como partida da investigação uma consciência irrefletida, impessoal e atemática reinserida na dimensão fática, entendida como um puro ato em direção ao mundo.

⁸ Contudo, em *O Ser e o Nada*, no capítulo II da terceira parte do livro, Sartre nos informa que esta perspectiva abordada, ainda que permaneça verdadeira, não nos faria avançar um só passo em direção à solução do problema do solipsismo. Nos termos de Sartre, “embora continue convicto de que a hipótese a respeito de um Eu transcendental permanece inútil e prejudicial, o fato de ter abandonado tal hipótese não faz avançar um só passo a questão da existência do outro” (SARTRE, [1943] 2015, p. 305).

Neste processo de purificação da consciência, Sartre a torna liberta de um Ego Polo que nos levaria a conceber a consciência em termos de algo que ela não é, inserindo nela certo teor de opacidade, que a destituiria da translucidez que lhe é característica e que a move a transcender para além de si mesma, em direção ao mundo, para buscar nele seu conteúdo. Conceber a consciência nestes termos implicaria em destituí-la da liberdade e indeterminação características, descritas como o próprio modo de ser da realidade humana. Com isto, afirmamos com Sartre que ([1936] 2015, p.61):

O Campo transcendental, purificado de toda estrutura egológica, recobra sua limpidez primeira. Em um sentido é um *nada*, uma vez que todas as verdades, todos os valores estão fora dele (...). Mas esse nada é *tudo*, pois é consciência de todos esses objetos.

Assim, seria possível realizar uma investigação adequada da consciência pré-reflexiva, livre de qualquer teor de objetificação ou falsificação. Compreendemos, portanto, que Sartre se localiza como um dos muitos herdeiros da fenomenologia husserliana que se proporia a realizar uma radicalização de seus próprios métodos, bem como uma ampliação de seu campo de investigação. Assim, Sartre se mostra como expoente de uma tradição de discípulos de Husserl que se criaram ao se voltarem contra o seu mestre, o que permeia um certo *Zeitgeist* da fenomenologia francesa que Merleau-Ponty ilustra muito bem em seu prefácio à *Fenomenologia da Percepção* mostrando-nos que aquilo de que se ocupou a sua geração foi “esta fenomenologia para nós que faz com que, lendo Husserl ou Heidegger, vários de nossos contemporâneos tenham tido o sentimento muito menos de encontrar uma filosofia nova do que de reconhecer aquilo que esperavam (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 20).

Notamos, com isto, que a geração de Sartre encontraria em Husserl o instrumental necessário para inclinar a fenomenologia na direção de suas próprias preocupações que, muitas vezes, extrapolariam as problemáticas que concernem ao próprio Husserl. As preocupações sartrianas que o moveram a desenvolver sua fenomenologia própria (mas inegavelmente influenciada pela fenomenologia husserliana) foi a preocupação de incidir suas investigações sobre uma existência situada, inseparável de sua situação fática, investigando a subjetividade indissociável de sua situação, que consiste na realidade humana. Por isso, Sartre encontraria na fenomenologia husserliana o instrumental necessário para realizar uma investigação da consciência em sua realização direta e imediata com o mundo (a própria noção de intencionalidade).

Mas esta investigação só poderia ser realizada rigorosamente após a liberação do campo transcendental de qualquer instância que nos levasse a conceber a consciência em termos de algo que ela não é, o que impediria a realização de uma fenomenologia adequada, que nos permitisse descrever as estruturas da consciência em suas estruturas fundamentais, naquilo que lhe é mais próprio – o que, no caso de Sartre, implica em identificar a consciência com a pura liberdade que é característica da condição humana. Liberdade esta que, compreendida ontologicamente, seria compreendida como o puro *nada de ser* que move a consciência a transcender-se rumo a um ser outro que não ela mesma, motivando-a a dirigir ao mundo visando apreender seu conteúdo.

Bibliografia

ALVES, M. S. Pedro. “Irrefletido e Reflexão: Observações sobre uma tese de Sartre”. In: SARTRE, J.P. *A transcendência do ego*. Trad. Pedro Alves. Lisboa: Colibri. 1994.

_____. “Consciência de imagem e fantasia. Ego de observação e ego de devaneio”. In. **Phainomenon**, [S.l.], n. 16-17, p. 157-176, oct. 2008.

BELO, Renato Santos. “Sartre e a tese da transcendência do ego”. In. *Griot – Revista de Filosofia*, vol.9, nº1., jun 2014, p.159-180.

BORNHEIM, Gerd. *Metafísica e Existencialismo*. São Paulo: Perspectiva. 2011.

HUSSERL, Edmund. *Phänomenologische Psychologie: Vorlesungen Sommersemester 1925. Berlin/Heidelberg, Germany* Ed. Springer Science+Business Media Dordrecht, 1962.

HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas - Sexta Investigação* In. Coleção *Os Pensadores*, Trad. Zeljko Loparic, SP : Abril Cultural, 1968.

HUSSERL, Edmund. *Phenomenological Psychology – Letters, Summer Semester, 1925*. Trad. John Scanlon. The Hague, Netherlands. Ed. Martinus Nijhof. 1977.

HUSSERL, Edmund. *A Ideia da Fenomenologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 2000.

HUSSERL, Edmund. *Analysis Concerning Active and Passive Synthesis*. Trad. Anthony J. Steinbok. Illinois : Southern Illinois University at Carbondale, 2001.

HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas e Conferências de Paris*. Trad. Pedro. M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas*. Trad. Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. – Aparecida, SP : Ideias & Letras, 2016.

HUSSERL, Edmund. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Trad. Pedro. M. S. Alves. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

LANDGREBE, Ludwig. *The Phenomenology of Edmund Husserl: six essays*. Trad. Donn Welton. New York : Cornell University Press, 1981.

MAYER, Noemi. “Tension entre spontanéité et passivité dans l’étude sartrienne de l’émotion”. In. *Bulletin d’analyse phénoménologique VIII* (Actes 5), p. 245-260, 1, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2017.

- MOUTINHO, Luiz Damond. *Sartre: Existencialismo e Liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.
- MOUTINHO, Luiz Damond. *Sartre: Psicologia Fenomenologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- PAES, Gabriel Gurae Guedes. “Os limites da fenomenologia na investigação do imaginário”. In. *Ipseitas*, São Carlos, vol. 1, n. 2, p. 76-92, jul-dez, 2015.
- PIZELLI, Fabrício Rodrigues. “O Estatuto da intencionalidade na obra *A Transcendência do Ego* de Jean-Paul Sartre” In. *Primeiros Escritos*, São Paulo, nº10, 2020.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Transcendência do Ego*. Trad. Pedro M. S. Alves, Lisboa : Colibri, 1994.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Imaginário*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática. 1996.
- SARTRE, Jean-Paul. “Intencionalidade: um conceito fundamental da fenomenologia de Husserl.” In. *Situações I*. Trad. Cristina Prado. Prefácio de Bento Prado Jr. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Imaginação*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre, RS : L&PM, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Transcendência do Ego*. Trad. João Batista Kreuch. Introdução e notas Sylvie Le Bon. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. Trad. Paulo Perdigão. São Paulo: Vozes. 2015.
- RODRIGUES, Malcom Guimarães. *Consciência e má-fé no jovem Sartre: a trajetória dos conceitos*. São Paulo : Ed. UNESP, 2010.
- SOUZA, Thana Mara. “Da irreduzibilidade e inseparabilidade entre a percepção e a imaginação em Sartre”. In. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 32, n. 64, p. 311-338, jan./abr. 2018.
- TOURINHO, Carlos Diógenes. “A Retomada da Concepção aristotélico-tomista de ‘inexistência intencional’ e suas consequências na tradição filosófica de Brentano no final do século XIX e início do século XX”. In. *Crítica, Revista de Filosofia*, vol. 8, nº 27-28, abr-out, 2003, p.184-197.
- TOURINHO, Carlos Diógenes. “O Desafio Metodológico de Husserl, o Exercício da *Epoché* e o Estatuto Transcendental da Objetividade Fenomenológica.” In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 71, nº1., 2015. p.11-25.
- TOURINHO, Carlos Diógenes. “O Problema da Autoconstituição do Eu Transcendental na Fenomenologia de Husserl: de *Ideias I* a *Meditações Cartesianas*.” In. *Trans/Form/Ação*, vol. 39, nº 3, jul-set, 2016. p.87-100.

ZAHAVI, Dan. *Husserl's Phenomenology*. California : Stanford University Pres. 2003.

ZAHAVI, Dan. *Phenomenological Mind*. New York : Routledge, 2008.

ZAHAVI, Dan. *Subjectivity and Selfhood: investigating the first-person perspective*. Massachusetts : The MIT Press, 2005.

Recebido em: 10/2022
Aprovado em: 11/2022